

O BANQUETE DE PLATÃO

O seu principal diálogo sobre o tema é *O Banquete*, que acontece em uma ceia de comemoração do recente sucesso da peça de Aristófanes, um eminente comediante da época. Também estão presentes Agatão, o anfitrião, Aristodemo, Fedro, Pausânias, Erixímaco, Alcebíades, e, é claro, Sócrates.

Curiosamente, Platão não se retrata no diálogo, dificultando a empreitada de entender sua visão sobre Eros. O que acontece é que Platão nos dá uma visão geral de variados entendimentos sobre o amor de sua época, na medida que os personagens fazem seus discursos sobre o tema.

Fedro é o primeiro a discorrer, dizendo como Eros é louvado por mortais e deuses devido sua origem. Fedro afirma que Eros é dos mais antigos deuses. Em seguida ele discursa sobre o efeito do amor nos amantes, incumbindo-os de vergonha ao agir como covardes, e orgulho ao tomar atitudes corajosas. Fedro afirma que sem isso, nenhuma cidade jamais atingiria nada grande ou fino.

Pausânias é o próximo a discursar, e de prontidão ele já traz opiniões divergentes das de Fedro. Segundo Pausânias, o amor não é algo tão simples quanto Fedro crê. Ele afirma que Eros é inseparável de Afrodite, dado que para os gregos existem duas Afrodites, a Comum e a Celestial, e também existem dois Eros. O primeiro tem como objetivo apenas adquirir aquilo que deseja, sem discriminação quanto aos modos de atingir tais objetivos, se são atingidos da forma correta ou não. Já o segundo tipo de amor, derivado da Afrodite Celestial, inspira os amantes a amar da maneira correta. Na visão de Pausânias, nenhuma atividade em si é errada ou certa; seu valor deriva da intenção e da maneira que nos conduzimos em tal atividade.

Erixímaco, um médico, toma a palavra e expande a ideia abordada por Pausânias. Ele concorda com a distinção entre dois tipos de Eros, e explica como sua profissão o fez perceber como o poder desse deus se estende por todos os aspectos da vida humana e divina. Erixímaco define a medicina como o conhecimento das formas do amor corporal em relação aos atos de preencher e esvaziar. Segundo ele, devemos encher o corpo do tipo bom de amor, e esvaziá-los das coisas que o prejudicam. Não só a medicina é governada por esse deus, mas também os esportes, a agricultura e a música.

Aristófanes nos conta um mito sobre a natureza humana. Segundo ele, há muito tempo existiam três gêneros, masculino, feminino e andrógino. Nossos corpos tinham a forma de um círculo completo, com quatro mãos, quatro pernas, e dois rostos idênticos. Para Aristófanes, éramos inteiros, e por consequência muito mais poderosos. Nosso vigor era tanto que Zeus decidiu nos cortar na metade para não ameaçarmos a hegemonia dos deuses e assim somos até hoje. Deste modo, estamos cientes das nossas cicatrizes e buscamos nossa outra metade para repará-las. Aristófanes define o amor como o desejo e a busca desta integridade que nós perdemos.

Agatão nos propõe uma nova mudança na abordagem dos discursos. Segundo ele, até agora só se falou sobre os benefícios que Eros traz para os homens, sem elucidar a verdadeira natureza desse deus. Ele afirma que o amor é o mais jovem dos deuses e jamais envelhece, dado sua extrema sensibilidade e leveza. O amor jamais toma refúgio em um corpo ou mente que não tem a capacidade de florescer. Quando ele age, não usa a força, já que todos consentem às suas ordens.

O próximo a discursar é **Sócrates**, o que nos leva a o clímax do diálogo. Previamente, ele havia afirmado que o amor é o único tema do qual ele entendia, em aparente contradição com sua famosa frase “só sei que nada sei”. Que visão tem Sócrates sobre o amor, que permite consistência entre essas duas falas?

Sócrates nos conta como seu conhecimento sobre Eros lhe foi passado por Diotima, uma sábia mulher. Sócrates nos mostra que assim como todo pai é pai de um filho, todo amor é amor *de algo*. Não se pode amar sem objeto do mesmo jeito que não se pode ser pai sem que haja um filho. Além do mais, esse amor é sempre direcionado a algo que o amante não possui. Deste modo, o amor da beleza não possui tal beleza. Logo, Eros não pode ser um deus, pois nenhum grego jamais admitiria que um deus não possui beleza. Eros é um espírito, que se coloca como meio de divinação entre homens e deuses.

Sócrates também nos relata um mito sobre a origem do amor. Quando Afrodite nasceu, os deuses se reuniram para comemorar. O deus dos Recursos adormeceu embriagado, até que o deus da Necessidade decidiu ter um filho com os Recursos, de modo a acabar com seus problemas. Daí nasce Eros. Da Necessidade o Amor herda a pobreza, vivendo sem sapatos e sem casa, num constante estado de falta. De seu pai ele puxa a coragem, astúcia e a intensidade, se tornando um exímio caçador e mágico.

Diotima nos conta como o amor é direcionado para uma “visão final dos mistérios”. Segundo ela, a maneira correta de se abordar tal empreitada é que um jovem deve primeiramente se apaixonar por um belo corpo. Gradualmente, ele percebe que a beleza deste corpo tem uma relação muito próxima com outros corpos, se tornando então um amante de todos os belos corpos. Logo, ele percebe que a beleza de uma mente é maior que a de um corpo físico, e se apaixona pelas práticas que trazem à tona a beleza da mente, até que ele finalmente ame as formas do conhecimento. Deste modo, ao cruzar este “grande mar de beleza”, o amante finalmente observaria a Beleza, pura, absoluta, livre de carne humana e de “lixo mortal”. Seguindo as palavras de Diotima:

Os fecundos na alma ... Sim, porque há também pessoas, me falou, cuja força fecundante reside na alma, muito mais ativa do que a do corpo, com relação às coisas que convém à alma conceber e procriar. E que lhes convém conceber? A sabedoria e as demais virtudes de que, precisamente, os poetas são os pais, e os artistas dotados de espírito inventivo.

PLATÃO. *O Banquete*. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001